

JOHN MARK COMER

Pastor de ensino e visão na *Bridgetown Church*

ELIMINE

A PRESSA

DEFINITIVAMENTE

Prefácio de John Ortberg

Autor cristão e palestrante evangélico



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2022

xvii Prefácio

1 Prólogo: Autobiografia de uma epidemia

Parte um: O problema

17 Pressa: A grande inimiga da vida espiritual

29 Uma breve história sobre a velocidade

43 Algo está profundamente errado

Parte dois: A solução

57 Dica: A solução não é mais tempo

71 O segredo do jugo suave

85 Estamos realmente falando sobre uma regra de vida

Parte três: Quatro práticas para desacelerar sua vida

109 Silêncio e solidão

133 Sabático

165 Simplicidade

205 Desacelerando

231 Epílogo: Uma vida tranquila

245 Exercício

247 Notas

267 Um pouco sobre mim

Prólogo: Autobiografia de uma epidemia

É domingo à noite, 22 horas. Estou com a cabeça encostada na janela de um Uber, cansado demais até para me sentar ereto. Lecionei seis vezes hoje — sim, *seis*. A igreja em que sou pastor acrescentou *mais um* culto. Mas é preciso fazer, certo? Arranjar espaço para mais pessoas? Consegui chegar até o quarto culto; não me lembro de nada depois disso. Estou muito mais do que cansado — emocional, mental e espiritualmente.

A primeira vez que conseguimos realizar seis cultos, liguei para um pastor de uma mega igreja na Califórnia que já fazia seis há um tempo.

“Como você dá conta?”, perguntei.

“Fácil”, ele disse. “É como correr uma maratona uma vez por semana”.

“Certo, obrigado”.

Desliguei.

Espere... Correr uma maratona não é superdifícil?

Começo a correr distâncias maiores.

Ele tem um caso e abandona da igreja.

Isso não é um bom presságio para meu futuro.

Já em casa, janto muito tarde. Não consigo dormir; aquela sensação de estar extremamente cansado, mas muito pilhado. Abro uma cerveja. No sofá, assisto a um filme esquisito de kung fu que ninguém nunca ouviu falar. Em chinês, com legendas. Keanu Reeves é o vilão.¹ Amo o Keanu. Dou um suspiro; ultimamente tenho terminado a maior parte das minhas noites desse jeito, no sofá, muito depois de o resto da família ter ido dormir. Nunca tinha sequer me interessado por kung fu antes; isso me deixa nervoso. Será esse o prenúncio de uma doença mental?

“Tudo começou quando ele ficou obcecado por filmes independentes de artes marciais...”

Mas o fato é que me sinto como um fantasma. Meio vivo, meio morto. Mais anestesiado do que qualquer outra coisa; murcho, como se tivesse apenas uma dimensão. Emocionalmente, vivo com uma subcorrente de ansiedade constante que raramente me abandona e uma pitada de tristeza; mas, na maior parte do tempo, me sinto só um pouco desconfortável espiritualmente... vazio. É como se minha alma estivesse oca.

Minha vida é tão *rápida*. E eu gosto de velocidade. Tenho personalidade tipo A. Sou motivado. O tipo de cara que faz as coisas. Mas já ultrapassamos esse ponto agora. Trabalho seis dias por semana, desde muito cedo até muito tarde e, *mesmo assim*, não dá

tempo de fazer tudo. Pior, eu me sinto *apressado*. Como se estivesse atravessando os dias tão ocupado com a vida que acabo perdendo cada momento. E o que é a vida senão uma série de momentos?

Mais alguém? Não posso ser o único...

É segunda-feira de manhã. Acordo cedo. Estou com pressa para chegar ao escritório. Sempre com pressa. Outro dia de reuniões. Odeio reuniões! Sou introvertido e criativo e, como a maioria dos millenials, fico facilmente entediado. Marcar muitas reuniões comigo é uma péssima ideia para todos os envolvidos. Mas nossa igreja se expandiu muito rapidamente, e isso é parte do problema. Hesito em dizer isso porque, acredite em mim, é um pouco embaraçoso: tivemos mais de mil novos membros por ano durante sete anos, sem parar. Achei que isso era o que eu queria. Quer dizer, uma igreja que se expande rápido é o sonho de todos os pastores. Mas algumas lições aprendemos melhor do jeito mais difícil: no fim das contas, não *quero* mesmo ser o CEO/diretor executivo de uma empresa sem fins lucrativos/especialista em RH/guru de estratégias/líder dos líderes dos líderes etc.

Entrei nessa para ensinar o caminho de Jesus.

É esse o caminho de Jesus?

Falando em Jesus, tenho esse pensamento terrível espreitando meu subconsciente. Esse zumbido em minha consciência que não vai embora.

Quem estou me tornando?

Acabei de chegar aos 30 (nível três!), então já tenho um pouco de experiência. O suficiente para traçar uma trajetória e planejar minha jornada interior para as décadas seguintes.

Eu paro.

Respiro.

E me imagino aos 40, 50, 60 anos.

Não é uma boa perspectiva.

Vejo um homem “bem-sucedido”, mas nas medidas erradas: tamanho da igreja, venda de livros, convites para palestras, status social etc., e o novo sonho norte-americano — ter a própria página na Wikipédia. Apesar de todo o meu papo sobre Jesus, vejo um homem que não é emocionalmente saudável e que é raso espiritualmente. Ainda estou casado, mas é por obrigação, não por prazer. Meus filhos não querem saber da minha igreja; ela foi a amante escolhida pelo pai, uma amante ilícita para onde eu fugia para esconder a dor das minhas feridas. Vejo basicamente quem sou hoje em dia, porém mais velho e pior: estressado no limite, estourando depressa com as pessoas que mais amo, infeliz, pregando um estilo de vida que soa melhor do que é de verdade.

Ah, e sempre *com pressa*.

Para que essa correria para me tornar alguém de quem nem gosto?

E a resposta me atinge como um trem de carga: nos Estados Unidos, você pode ser um sucesso como pastor e um fracasso como aprendiz de Jesus; você pode ganhar uma igreja e perder sua alma.

Não quero que essa seja minha vida...

Adiante três meses: estou num avião voltando de Londres para casa. Passei a semana aprendendo com meus carismáticos amigos anglicanos sobre a vida no Espírito; é como uma dimensão completamente diferente que eu não estava aproveitando. Mas, a cada milha rumo ao oeste, estou voltando para uma vida que me assusta.

Na noite antes de ir embora, um cara que conheci, Ken, orou por mim em seu sotaque inglês chique; ele tinha uma palavra sobre eu chegar a uma bifurcação no caminho. Uma estrada era asfaltada e levava a uma cidade iluminada. A outra era uma estrada de terra que levava a uma floresta; ela me levava em direção ao escuro, ao desconhecido. Devo escolher a estrada de terra.

Não tenho sequer ideia do que isso quer dizer. Mas quer dizer *algo*! Isso eu sei. Enquanto ele falava, senti o tremor de uma divindade subordinada em minha alma. Mas o que Deus está me dizendo?

Estou lendo meus e-mails; aviões são bons para isso. Estou atrasado, como de costume. Más notícias novamente; diversos membros da equipe estão chateados comigo. Começo a questionar toda essa história de mega igreja. Não tanto o tamanho da igreja, mas a *forma* como a estamos liderando.² É para ser assim? Um monte de gente vindo à igreja para escutar uma palestra e voltando para suas vidas superocupadas? Mas minhas perguntas parecem raivosas e arrogantes. Estou tão doente emocionalmente que estou jorrando toxinas em nossa pobre equipe.

Qual é aquele axioma de liderança?

“A igreja é o reflexo de seus líderes”.³

Droga, espero de verdade que a igreja não fique como eu.

Sentado no assento 21C, no corredor, pensando em como responder a mais um e-mail tenso, um novo pensamento surge em minha mente. Talvez seja o ar rarefeito a 30 mil pés de altura, mas acho que não. Esse pensamento tem tentado escapar há meses, senão anos, mas não permiti. É muito perigoso. É uma ameaça muito grande ao *status quo*. Mas chegou o momento de libertá-lo, soltá-lo ao vento.

Aqui está ele: *E se eu mudasse minha vida?*

Após outros três meses e mil conversas difíceis, tendo arrastado cada pastor, mentor, amigo e membro de minha família para dentro do vórtice da decisão mais importante que já tomei, estou sentado em uma reunião com os anciões. O jantar terminou, estamos apenas eu e os líderes centrais. É esse o momento. Daqui para a frente, minha autobiografia será dividida entre as categorias “antes” e “depois”.

“Eu me demito”, falo.

Bem, não é exatamente uma demissão. Não estou saindo. Somos uma igreja multilocal. (Como se só uma igreja não fosse mais do que suficiente para um cara como eu liderar.) Nossa maior igreja fica no subúrbio; passei os últimos dez anos da minha vida lá, mas meu coração sempre esteve na cidade grande. Desde o ensino médio, me lembro de dirigir meu Volkswagen Bus de 1977 para cima e para baixo na Twenty-Third Street e sonhar com uma igreja no centro da cidade.⁴ Nossa igreja lá é menor. Muito menor. E em solo *bem* mais árido; a cidade de Portland é uma terra das maravilhas seculares — lá todas as cartas estão contra você. Mas é lá que sinto a gravidade do Espírito pesar sobre mim.

Então não é uma demissão, é mais um rebaixamento. Quero liderar uma igreja de cada vez. É um conceito novo, não é? Meu sonho é desacelerar, simplificar minha vida até o limite do tolerável. Quero ir andando ao trabalho. Quero redefinir as medidas do sucesso. Quero focar mais em quem estou me tornando como aprendiz de Jesus. Posso fazer isso?

Eles dizem que sim.

(Mas, na verdade, devem estar pensando: “Finalmente”.)

As pessoas vão falar (elas sempre falam): Ele não conseguia acompanhar (verdadeiro). Não era inteligente o suficiente (falso). Ele não era tão resistente assim (certo, quase verdadeiro). Ou então, aqui vai uma que ouvirei durante meses: Ele está virando as costas para o chamado de Deus para sua vida. Desperdiçando seu dom na obscuridade. Adeus.

Eles que falem; tenho novas medidas agora.

Finalizo uma década na igreja. Minha família e eu saímos em um ano sabático. Esse é claramente um ato de graça. Passo a primeira parte em coma, mas aos poucos desperto novamente para minha alma. Volto para uma igreja muito menor. Nos mudamos para a cidade grande; vou andando para o trabalho. Começo a fazer terapia. Uma palavra para isso: uau! No fim das contas, preciso muito de terapia. Foco na minha saúde emocional. Trabalho menos horas. Saio com minha esposa. Jogo Lego Star Wars com meus filhos. (Faço isso por eles, de verdade.) Pratico o Sabático. Desintoxico de Netflix. Começo a ler livros de ficção pela primeira vez desde o ensino médio. Passeio com o cachorro antes de dormir. Sabe como é, eu vivo.

Parece ótimo, não é? Até mesmo utópico? Não mesmo. Eu me sinto mais como um viciado em drogas tentando largar o vício em metanfetamina. Quem sou eu sem a megaigreja? Uma fila de pessoas querendo me encontrar? Uma corrente de e-mails tarde da noite? É difícil largar uma vida repleta de velocidade. Mas, com o tempo, eu me desintoxico. Sem fogos de artifício no céu. A mudança é lenta, gradual e intermitente; três passos para a frente, um ou dois para trás. Alguns dias faço tudo certo; em outros, caio na armadilha da pressa outra vez. Mas, pela primeira vez em anos, estou indo em direção à maturidade, pouco a pouco. Tornando-me cada vez mais como Jesus. E mais parecido com o melhor que consigo ser.

Melhor ainda: consigo sentir Deus novamente.

Sentir minha alma.

Estou na estrada de chão sem nenhuma pista do lugar aonde ela leva, mas está tudo bem. Honestamente, dou mais valor para quem estou me tornando do que aonde vou chegar. E, pela primeira vez em anos, estou sorrindo para o horizonte.

Minha ida de Uber para casa para assistir ao filme com Keanu Reeves foi cinco anos e muitas vidas atrás. Muita coisa mudou desde então. Este livro nasceu de minha autobiografia curta e um pouco monótona, minha jornada de abandonar uma vida com pressa para abraçar uma vida com... bem, algo diferente.

De certa forma, não sou a pessoa mais indicada para escrever sobre pressa. Sou o cara que, no semáforo, muda da faixa com três carros para a faixa com dois; o cara que se gaba de ser o “primeiro a chegar

no escritório e o último a ir embora”; o cara que anda rápido, fala rápido e faz várias coisas ao mesmo tempo, cronicamente viciado em velocidade (esclarecendo, não um *viciado* de verdade). Ou pelo menos eu era. Não sou mais. Encontrei uma saída daquela vida. Então talvez agora eu seja a melhor pessoa para escrever um livro sobre pressa? Você é quem vai decidir.

Não conheço sua história. A probabilidade é que você não seja um ex-pastor de uma megagreja que sofreu com a Síndrome do Burnout e teve uma crise da meia-idade aos 33 anos. É mais provável que você seja um universitário, ou um cidadão de Chicago no auge de seus 20 e poucos anos, ou um corretor de seguros de meia-idade em Minnesota. É provável que esteja começando agora sua vida ou tentando seguir em frente.

O filósofo alemão nascido na Coreia, Byung-Chul Han, finaliza seu livro *Sociedade do Cansaço* com uma observação assombrosa para muitas pessoas do mundo ocidental: “Eles estão vivos demais para morrer e mortos demais para viver”.⁵

Este era eu para minha esposa.

Essa pessoa é você? Mesmo que um pouquinho?

Todos temos nossa história de tentar nos manter sãos na era dos iPhones e do Wi-Fi, do ciclo ininterrupto de notícias, da urbanização e das rodovias com dez faixas e com trânsito de destruir almas, do barulho incessante e de um estilo de vida frenético a 150 quilômetros por hora, que apenas manda ir, ir, *ir*...

Pense neste livro como se estivéssemos em um encontro para tomar uma xícara de café de Portland (o meu preferido é um bom queniano da Heart on Twelfth) e pense em mim como se eu estivesse falando

sobre tudo o que aprendi nos últimos anos sobre como navegar as águas traiçoeiras do que o filósofo francês Gilles Lipovetsky chama de mundo “hipermoderno”.⁶

Mas, honestamente: tudo o que tenho para oferecer, peguei “emprestado” da vida e das lições de Jesus de Nazaré, meu rabino, entre muitas outras coisas.

O convite de Jesus de que eu mais gosto chega até nós por meio do evangelho de Mateus:

Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.⁷

Você se sente “cansado”?

E que tal “sobrecarregado”?

Alguém se sente cansado até os ossos, não só no corpo ou na mente, mas na *alma*?

Se sim, você não está sozinho.

Jesus convida todos nós a tomarmos o jugo “suave”. Ele tem — e oferece a todos — uma forma fácil de suportar o peso da vida com seu triunvirato de amor, alegria e paz. Como Eugene Peterson traduziu a fala icônica de Jesus: “viver livre e sem peso”.⁸

E se o segredo para uma vida feliz — e é um segredo, um que está às claras, mas continua sendo um segredo; que outro motivo para tanta gente não conhecê-lo? — não estiver “lá fora”, mas muito

mais perto? E se tudo o que você precisasse fazer fosse desacelerar o suficiente para o borrão do carrossel da vida entrar em foco novamente?

E se o segredo para a vida que ansiamos for, na verdade, “suave”?

Agora deixe-me esclarecer algumas coisas antes de começarmos:

Em primeiro lugar, eu não sou você. Apesar de ser ostensivamente óbvio, isso precisa ser dito. Imagino que esse manifesto antipressa incomodará alguns de vocês; eu mesmo fiquei incomodado no início. Ele expõe o anseio profundo em todos nós por uma vida que seja diferente daquela que vivemos atualmente. A tentação será tentar me anular porque não sou realista ou se distanciar da realidade:

Ele não faz ideia de como é ser uma mãe solteira com dois empregos para conseguir pagar as contas e o aluguel todo mês.

Você está certa; não faço ideia.

Ele está completamente fora da realidade da vida de um executivo em evolução social no mercado de trabalho.

Isso pode ser verdade.

Ele não entende como são as coisas em minha cidade/nação/geração.

Posso não entender.

Simplemente peço que me escutem.

Em segundo lugar, não sou Jesus. Apenas um de seus vários aprendizes que está lutando há um tempo. Mais uma vez, isso é óbvio. Meu plano para nosso tempo juntos é simples: passar adiante algumas das melhores coisas que aprendi sentado aos pés do mestre. Um homem cujos amigos mais próximos diziam que tinha sido ungido com o óleo de alegria mais do que qualquer outro de seus companheiros.⁹ Ou seja, ele era a pessoa mais feliz do mundo.

A maioria de nós sequer *pensa* em buscar em Jesus conselhos sobre como ser feliz. Para isso, buscamos o Dalai Lama, o estúdio de mindfulness mais próximo ou as aulas de psicologia positiva de Tal Ben-Shahar em Harvard. Todos eles dizem coisas boas, e sou grato por isso. Mas Jesus está em uma classe só dele; pode compará-lo a qualquer professor, tradição ou filosofia — religiosa ou secular, antiga ou moderna — de Sócrates a Buda, de Nietzsche a seu mestre de yoga que faz podcasts. Para mim, Jesus continua sendo o professor mais brilhante, mais intuitivo, mais estimulante que já andou por essa terra. E ele andava *lentamente* (mais sobre isso daqui a pouco). Então, em vez de apertar os cintos, simplesmente fique confortável.

Com isso, finalmente, deixe-me ser claro: Se você busca algo muito rápido, este livro não é para você. Na verdade, você sequer tem tempo de ler um livro; talvez passar o olho no primeiro capítulo? Então é melhor continuar fazendo isso.

Se você busca uma solução rápida ou uma fórmula de três passos com um acrônimo simples, este livro também não é para você. Não existe uma poção mágica para a vida. Não existe um

“jeitinho” para sua alma. A vida é extraordinariamente complexa. A mudança é mais complexa ainda. Qualquer um que diga outra coisa está tentando lhe vender algo.

Mas...

Se você está cansado...

Se cansou da vida que tem levado...

Se você esconde uma suspeita de que existe um modo melhor de ser humano...

Que você pode estar meio perdido...

Que as medidas para o sucesso que nossa cultura lhe impôs podem estar distorcidas...

Que o tal “sucesso” pode acabar se tornando um fracasso...

Acima de tudo, se chegou sua hora e se você está pronto para embarcar em uma jornada contraintuitiva e *extremamente* contracultural para explorar sua alma dentro do reino da realidade...

Então, aproveite a leitura. Este livro não é longo ou difícil de entender. Mas temos alguns segredos para lhe contar...

**Parte
um:**

**o
problema**

AMOSTRA

Pressa: A grande inimiga da vida espiritual

Semana passada almocei com meu mentor, John. Tudo bem, ele não é meu mentor de verdade, é muita areia para meu caminhãozinho, mas almoçamos com frequência, e eu costumo fazer um monte de perguntas sobre a vida que tenho anotadas em um bloquinho. John é o tipo de pessoa que você conhece e imediatamente pensa: “*Quero ser igual a ele quando crescer*”. Ele é absurdamente inteligente, porém mais ainda — ele é sábio. Apesar disso, nunca demonstra ser remotamente pretensioso ou esnobe. Pelo contrário, é alegre, tranquilo, confortável em ser quem é, muito bem-sucedido (mas não daquele jeito enjoado das celebridades), gentil, curioso e sempre se mostra presente durante a conversa... Basicamente, ele é muito parecido com o Jesus que eu imagino.¹

John (sobrenome Ortberg) por acaso é um pastor e escritor da Califórnia que teve como mentor outra pessoa que considero um herói, Dallas Willard. Se você nunca ouviu esse nome... de nada.² Willard foi um filósofo da Universidade do Sul da Califórnia, mas é mais conhecido fora do meio acadêmico

como professor do caminho de Jesus. Mais do que qualquer outro professor fora da biblioteca da Escritura, as coisas que ele escreveu moldaram a forma como eu sigo a — ou como ele diria, sou um aprendiz de — Jesus.³ Tudo isso é para dizer que John foi pupilo de Willard por mais de vinte anos, até a morte de Willard em 2013.

Nunca tive a chance de conhecer Willard, então a primeira vez em que John e eu nos reunimos no Menlo Park, imediatamente comecei a cavar histórias. Encontramos ouro.

Eis uma delas em que não consigo parar de pensar.

John liga para Dallas pedindo um conselho. Isso foi no final dos anos 1990; naquela época, John trabalhava na Willow Creek Community Church, em Chicago, uma das igrejas mais influentes do mundo. O próprio John é um professor muito conhecido e autor de best-sellers — o tipo de cara que você imagina que sabe *tudo* sobre seguir o caminho de Jesus. Mas, nos bastidores, ele sentia como se estivesse sendo sugado para o vórtice da insanidade da megagreja.

E eu o entendia.

Então, ele liga para Willard e pergunta: “*O que preciso fazer para ser a pessoa que quero ser?*”⁴

Há um longo período de silêncio do outro lado da linha...

Segundo John, “Com Willard, *sempre* havia um longo período de silêncio do outro lado da linha.”

Então ele fala: “Você tem que eliminar a pressa da sua vida.”

Podemos apenas parar um pouco e concordar que isso é *brilhante*?

Obrigado...

Em seguida, John escreve aquilo em seu diário — infelizmente, isso aconteceu antes do Twitter; caso contrário, teria quebrado a internet. Depois, ele pergunta: “Certo, e o que mais?”

Outro longo silêncio...

Willard responde: “Não tem mais nada. A pressa é o grande inimigo da vida espiritual em nossa época. Você deve eliminá-la definitivamente da sua vida.”

Fim da história.⁵

Da primeira vez em que ouvi isso, vi muita relação com a realidade atual. A pressa é o problema por trás de todos os sintomas tóxicos em nosso mundo.

Mesmo assim, eu não esperava essa resposta de Willard. Vivo em uma das cidades mais antigas e progressistas dos Estados Unidos, mas, se você me perguntasse “Qual é o grande desafio para a vida espiritual em Portland?”, eu não sei o que diria.

Provavelmente, diria que é a modernidade ou a pós-modernidade, ou a teologia liberal, ou a popularização do evangelho da prosperidade, ou a redefinição da sexualidade e do casamento ou a eliminação do gênero, ou a pornografia na internet, ou os milhões de perguntas que as pessoas têm sobre a violência no Antigo Testamento, ou a queda de pastores celebridade, ou Donald Trump. Eu não sei.

Como você responderia a essa pergunta?

Aposto que pouquíssimos de nós responderíamos que é a “pressa”.

No entanto, pare e leia a Bíblia: Satanás não aparece como um demônio com uma forquilha e uma voz rouca de fumante, ou como o Will Ferrell com uma guitarra e fogo no programa *Saturday Night Live*. Ele é muito mais inteligente do que pensamos. Atualmente, é muito mais provável que você encontre o inimigo em uma notificação em seu telefone enquanto lê a Bíblia, ou em uma maratona de vários dias em frente à Netflix, ou em um vício forte em dopamina no Instagram, ou em uma manhã de sábado no escritório, ou em *outro* jogo de futebol em um domingo, ou em um compromisso atrás do outro em uma vida apressada.

Corrie ten Boom certa vez disse que, se o diabo não puder fazer você pecar, ele vai mantê-lo ocupado. Há verdade nessa frase. Tanto o pecado quanto a ocupação têm o mesmo efeito — eles cortam sua conexão com Deus, com outras pessoas e, até mesmo, com sua própria alma.

O famoso psicólogo Carl Jung tinha um pequeno ditado:

A pressa não é do diabo; a pressa é o diabo.

Jung, a propósito, foi o psicólogo que desenvolveu o esquema dos tipos de personalidade introvertido e extrovertido e cujo trabalho tornou-se, mais tarde, a base para o teste indicador de Tipologia de Myers-Briggs, conhecido pela sigla INTJ (mais alguém é INTJ?). Podemos dizer que ele sabia do que estava falando!

Recentemente, eu estava contando sobre a visão de nossa igreja para meu terapeuta, que ama a Deus, é muito inteligente e tem um PhD. Nosso sonho era reconstruir nossa comunidade com o objetivo de colocá-la de volta no caminho de Jesus (É tão esquisito escrever isso, porque o que mais você faria como igreja?). Ele adorou essa ideia, mas continuou dizendo a mesma coisa: “O principal problema que você enfrentará é o *tempo*. As pessoas estão ocupadas demais para viver vidas emocionalmente saudáveis e espiritualmente ricas e vibrantes”.

O que as pessoas geralmente respondem à pergunta rotineira “Como você está?”

“Ah, bem — só *ocupado*”.

Preste atenção, você encontrará essa resposta em todos os lugares — independente de etnia, gênero, estágio da vida, até mesmo classe social. Universitários estão ocupados demais. Jovens pais estão ocupados demais. Pessoas com síndrome do ninho vazio e pessoas vivendo em campos de golfe estão ocupadas demais. CEOs estão ocupados demais, da mesma forma como baristas e babás de meio período. Norte-americanos estão ocupados demais. Kiwis estão ocupados demais. Alemães estão ocupados demais — *todos* estamos ocupados demais!

É claro que existe um tipo de ocupação que é saudável, em que sua vida está repleta de coisas que importam, não sendo desperdiçada em passatempos vazios ou com demandas banais. Seguindo essa definição, o próprio Jesus era ocupado. O problema não é ter muitas coisas para fazer, é ter *coisas demais* para fazer, sendo que a única forma de manter os compromissos em dia é se apressar.

É esse tipo de ocupação que nos deixa desnorteados.

Michael Zigarelli, da Escola de Negócios da Charleston Southern University, conduziu a pesquisa *Obstacles to Growth Survey* (Pesquisa sobre Obstáculos ao Crescimento) com mais de 20 mil cristãos pelo mundo e identificou a ocupação como uma grande distração da vida espiritual. Ouça a hipótese dele com atenção:

É provável que (1) os cristãos estejam assimilando uma cultura de ocupação, pressa e sobrecarga, que leva a (2) Deus ser colocado em segundo plano nas vidas dos cristãos, o que leva a (3) uma relação deteriorada com Deus, o que leva a (4) cristãos estarem ainda mais vulneráveis a adotar suposições seculares sobre a vida, o que leva a (5) maior conformidade com uma cultura de ocupação, pressa e sobrecarga. E, então, o ciclo recomeça.⁶

Os pastores, a propósito, são os piores. Em minha profissão, a ocupação está no topo das atividades, assim como de advogados e médicos.

Quero dizer, eu não. *Outros* pastores...

Como bem diz aquele provérbio finlandês engraçadinho: “Deus não criou a pressa”.

Essa nova velocidade em nossas vidas não é cristã; é anticristã. Pense bem: O que era mais valorizado na economia do reino de Cristo? Fácil: o amor. Jesus deixou isso muito claro. Ele disse que o maior mandamento em toda a Torá era “ame ao Senhor, o seu